

## EMPREENDEDORISMO FEMININO E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

Camila Oliveira Lima<sup>1</sup>

[camila6441@gmail.com](mailto:camila6441@gmail.com)

Julia Silva Borges

[julia.borges16@etec.sp.gov.br](mailto:julia.borges16@etec.sp.gov.br)

Karen Cristina Firmo dos Santos Lima

[karenfirmo@gmail.com](mailto:karenfirmo@gmail.com)

Thaissa Silva Carvalho

[thaissasilvac@hotmail.com](mailto:thaissasilvac@hotmail.com)

**RESUMO:** Este Trabalho de Conclusão de Curso dedicou-se a pesquisar sobre empreendedorismo feminino e seu impacto social, tendo o objetivo de mostrar a relevância do empreendedorismo feminino através do protagonismo feminino na liderança empresarial e de mulheres e suas atitudes empreendedoras na direção de transformar o contexto socioambiental no qual estão inseridas. Tem-se que a recorrência de engajar uma atitude empreendedora permite às mulheres superarem o atraso social causado historicamente pelos impedimentos patriarcais; e conquistarem seu lugar na economia. Neste trabalho, foram apresentados projetos nomeados internacionalmente como relevantes e influentes para suas respectivas áreas, sendo estas ambientais, sociais, causas animais e empresariais. Além disso, foram realizadas entrevistas com duas mulheres locais – Sra. Andreia Borges, fundadora do Projeto Útero e Sra. Keity Dias, fundadora do Hospital dos Cachos. As pesquisas permitiram concluir que mulheres na liderança gera a influência e motivação para outras mulheres, ampliando a participação feminina no contexto socioeconômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empreendedorismo Feminino; Protagonismo; Liderança; Mudança Social

### **Introdução**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido sob a seguinte questão orientadora: Qual a relevância do empreendedorismo feminino através da liderança de mulheres brasileiras e seu protagonismo nas ações socioambientais?

Observando a desigualdade no mercado, constata-se uma questão estrutural, cultural, que idealiza que a mulher não tem a capacidade de dar conta de uma jornada dupla, além da segregação de funções atribuídas às mulheres.

<sup>1</sup>Alunas do Ensino Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio, na Etec de Poá, Poá/SP, Centro Paula Souza. Orientadas pela Profa. Tânia Regina Cirillo.

Segundo o relatório global da Mercer, “When Women Thrive 2020”, 40% da força de trabalho no Brasil é feminina e o IPEA (Instituto de pesquisa e ensino avançado) divulgou, durante a pandemia de Covid-19, que apenas 45,9% das mulheres permaneceram no trabalho. Por mais, o PNADC, 2019, (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) aponta que cerca de 9,3 milhões de mulheres lideram negócios no Brasil e o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), em 2019, mostra que 48% dos MEIs (Microempreendedores Individuais) são mulheres, o que mostra também que o empreendedorismo feminino tem crescido gradativamente.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é demonstrar a importância do empreendedorismo feminino através do protagonismo empresarial e seus impactos socioambientais no Brasil, uma vez que o empreendedorismo feminino tem tido cada vez mais importância no meio social, pois busca promover a qualidade de vida dos envolvidos, permite as mulheres a criarem suas próprias trajetórias profissionais, superarem o atraso social, a garantirem seu lugar na economia e lutarem pelas causas socioambientais que compactuam.

Para alcançar o objetivo geral, percorreu-se os seguintes objetivos específicos: contextualizar do que se trata o empreendedorismo feminino e sua trajetória, juntamente com os impedimentos historicamente enfrentados pelas mulheres empreendedoras no Brasil; evidenciar exemplos de mulheres atuantes no empreendedorismo feminino e as causas de seus negócios, sendo elas ambientais, animais, sociais e empresariais.

Por conjectura, através de mulheres empreendedoras como agentes socioeconômicas e na busca pela autonomia, o empreendedorismo feminino ganha maior proporção na sociedade, evidenciando o perfil diferenciado da mulher na liderança e combatendo à desigualdade de gênero; e esta é a hipótese desta pesquisa.

O presente trabalho se justifica por abordar a relevância do empreendedorismo feminino no Brasil, trazendo o reconhecimento de mulheres que inspiram, como também evidenciando o diferencial do perfil feminino no âmbito socioeconômico. Através desta pesquisa, outras mulheres podem se encorajar na busca por autonomia, através do empreendedorismo, e quebrar os paradigmas da divisão de funções entre gêneros.

Metodologia de pesquisa: pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas.

## **Desenvolvimento**

### **1. Empreendedorismo**

Empreendedorismo, segundo o Dolabela (2011), é fruto do dinamismo e da atividade daquele que se propõe a realizar coisas fora do comum, seja pela imensurável vontade de materializar sonhos ou por necessidade, resultado daquele que está sempre buscando transformações para si e para o meio no qual está inserido. Para Barreto (1998, p. 190), empreendedorismo é a habilidade de criar algo a partir de muito pouco. Portanto, o comportamento de empreender vem da necessidade de usar de forma criativa os recursos que se encontram disponíveis em conjunto com a capacidade de inovar.

Outrossim, caracteriza-se como empreendedorismo a inovação capitalizada em que através de um sonho e propósito, o empreendedor assume a responsabilidade de agir, assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente, para que no final haja retorno de sucesso (CHIAVENATO, 2004). Porquanto “Pode-se dizer que os empreendedores se dividem igualmente em dois times: aqueles para os quais o sucesso é definido pela sociedade e aqueles que têm uma noção interna de sucesso” (DOLABELA, 2010, p. 44); e, aquele que visa apenas o lucro como propósito peca com a essência de empreender, afirma ainda Dolabela (2010).

Empreender está ligado a realizar com sinergismo um projeto pessoal ou empresarial e ter a coragem de arcar com os desafios dos mais diversos no mercado econômico é para alguns o sonho de ter o seu próprio sustento, para outros a melhoria de vida e para todos a vontade de realizar sonhos e cumprir propósitos, afirma Baggio (2014).

A essência do empreendedor está, acima de tudo, em ligar inovação e experiências, assim, encontrando em sua essência novos propósitos e novas

atitudes, dinâmicas e proativas, diante os desafios do empreendedorismo. Sendo, para Schumpeter (1988), empreender um processo de “destruição criativa”, através da qual métodos de produção e atitudes existentes são destruídas e substituídas por novas, assim, segundo ele, o empreendedorismo se faz responsável pelas inovações do mercado; quando não, esse tornar-se-ia obsoleto.

### **1.1. Trajetória da mulher no mercado econômico brasileiro**

Muitas mulheres sempre necessitaram do trabalho para obter uma fonte de sustento, só que durante muitos séculos, os homens só permitiam o trabalho dentro de casa, pois usavam da religião da época para fundamentar os seus pensamentos opressores. Por isso, até o século XIX não há registros de mulheres frequentando universidades. (ALVES, 2003, p.18)

A partir do período renascentista, que culminou no fim da Idade Média, onde passou a ocorrer o crescimento das comunidades urbanas, as mulheres atuaram em atividades comerciais, em profissões como padeiras, atendentes, artesãs e comerciantes de pequenos produtos, iniciando então a participação da mulher, ainda que muito pequena, no trabalho.

Mediante as limitações sociais atribuídas às mulheres, elas passaram a ter suas primeiras iniciativas de independência, enxergando o conhecimento que elas também tinham. Mas, para isso utilizavam pseudônimos ao publicar seus trabalhos, ou seja, um nome masculino ou simplesmente como anônimo para não serem reconhecidas. Elas preferiram não terem o próprio trabalho reconhecido, mas desejavam obter e expandir conhecimento, Sandra Vasconcelos, professora de Literatura Inglesa e Comparada da Universidade de São Paulo (2018).

A partir de Wollstonecraft (2015), tem-se que a Revolução Francesa provocou importantes episódios da luta feminina. Estima-se que mais de 7000 mulheres caminharam catorze quilômetros armadas, na chuva e acompanhadas de seus maridos na direção de Versalhes, com o objetivo de trazer o rei à Paris, para que ele solucionasse a crise do pão. Elas conseguiram, a família real

retornou. Algumas mulheres chegaram a se alistar no exército disfarçadas de homens. Dentro desse contexto de revolta, cartas e panfletos foram reunidos nos “Cadernos de Queixas” e encaminhado ao Rei Luís XVI ou aos deputados dos Estados Gerais. Essas cartas traziam queixas de diversas mulheres, como melhor educação às meninas e oportunidade de trabalho.

Com isso, houve a criação de grupos políticos para discutir os direitos das mulheres. Um dos grupos mais importantes foi a Sociedade Patriótica da Beneficência e das Amigas da Verdade, tendo como uma das principais líderes, Olympe Gouge, pseudônimo de Marie Gouze, criadora da Declaração dos direitos da mulher e cidadã, mas por não obedecer a suas obrigações como mulher, foi guilhotinada aos 45 anos. Observa-se que todos esses acontecimentos contribuíram para a expansão da mulher no mercado de trabalho.

Por mais, em 19 e 20 de julho de 1848, ocorreu em Nova York a Convenção de Seneca Falls, a primeira convenção dos direitos da mulher nos Estados Unidos e a partir da década de 70, o movimento feminista tomou proporções mundiais, ressignificando o papel social da mulher e a ideia de que a mulher representava o sexo frágil passou a desagradar. Inclusive, a ONU decretou 1975, como o “Ano Internacional da Mulher”.

Com a Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra no século XVIII, os donos das fábricas necessitavam de mais mão de obra. Sendo assim, passaram a aceitar mulheres no processo produtivo. Contudo, essa postura, ainda que recebendo pouco e tendo a obrigação de lidar com a jornada dupla, não era bem-vista pela sociedade (HOBBSAWM, 2000).

Hobsbawm (2000) constata que, em 1838, do total de operários empregados nas fábricas de tecidos na Inglaterra 23% eram homens e 77% eram mulheres e crianças. Isto se deve ao fato de que as mulheres aceitavam receber menos, para que assim servissem como complemento da renda familiar.

Sobretudo, essa participação em grande número ainda não trazia as mulheres condições trabalhistas igualitárias, por isso precisaram lutar por seus direitos sociais e sindicalistas. Em reconhecimento a essa luta, o primeiro dia

das mulheres foi celebrado no dia 08 de maio de 1908, nos Estados Unidos, criado para conscientizar a sociedade do grande movimento feminino que lutava por cargas horárias menores de trabalho, salários melhores e leis trabalhistas.

No Brasil, conforme Politize (2021), a trajetória das mulheres no mercado não se distancia muito da trajetória feminina mundial, entretanto é importante salientar que no Período Colonial (1500-1822), apesar de ambas serem restritas de direitos e a discrepância entre gênero ser presente na época, sendo as mulheres tratadas em segundo plano tanto economicamente quanto socialmente em relação ao homem, a vivência da mulher branca e da mulher negra eram extremamente distintas. A mulher branca, em um cenário influenciado pelos costumes da Igreja Católica, era vista e ensinada a ser boas mães e esposas, não tendo acesso a intelectualidade e tampouco participação política. Ao passo que a mulher negra - vivendo no cenário da escravidão - era explorada, trabalhando incansavelmente, sem qualquer direito, sofrendo maus tratos e condições das mais adversas.

Foi então somente no contexto do Brasil República que mulheres dispuseram de seus primeiros direitos trabalhistas com a Constituição de 1934. Os direitos garantiam a proibição da diferença salarial por gênero, a proibição de trabalho das mulheres em ambientes insalubres e a garantia de assistência médica e sanitária às gestantes, além de descanso antes e depois do parto. Todavia, na prática, ainda assim as desigualdades eram evidentes.

Só quando promovida a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) pelo presidente em regime na época, Getúlio Vargas, no ano de 1943, as mulheres usufruíram de fato dos direitos que são presentes até a contemporaneidade. Direitos esses que foram responsáveis por introduzir proteção do trabalho da mulher, como a sua garantia ao livre acesso ao mercado de trabalho, a sua proteção jurídica, a proibição do empregador considerar gênero, idade, cor e raça para fins de remuneração, entre outros. Além da CLT, o que no âmbito judiciário travou a desigualdade de gênero foi a Constituição de 1988 que garante o princípio da isonomia sendo todos iguais perante a lei, a qual promoveu a asserção do direito das mulheres, princípio este presente no artigo

5º, caput, incisos I, VIII, XXXVII, XLII e artigo 7º, XXX, XXXI e XXXIV da constituição.

A evolução da participação feminina até os tempos hodiernos é significativa e merece ser analisada. Segundo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019), as mulheres entre 17 e 70 anos ocupam hoje uma presença de 61,6% em 2015, ao passo que em 1992, esse percentual era de 56.1%. Apesar disso, a diferença de salários entre gêneros ainda é recorrente. Segundo a Global CAP Report (Relatório Global sobre a Lacuna de Gênero), 2020, o Brasil ocupa o 130º lugar de países com igualdade salarial e ainda, o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- (2019) declara que atualmente uma mulher negra recebe em média 44,4% da renda média dos homens brancos, que estão no topo da escala de remuneração no Brasil. Constata-se ainda que os dados de participação política feminina também ainda são baixíssimos.

## **1.2. Surgimento do empreendedorismo feminino**

Com a luta social das mulheres, para garantirem seu lugar na sociedade e no mercado de trabalho, gerou-se uma conscientização das mulheres quanto as suas capacitações e habilidades. Um marco importante para a ascensão da mulher, não só como dona de casa e mãe, mas como parceira intelectual e financeiramente, foi a Revolução Francesa, as correntes iluministas e a Constituição de 1988, afirma Estanislau (2018)

As correntes iluministas, que surgiram durante o século XVIII, pregavam a arte de indagar e uma reformulação da sociedade. Sendo assim, surgem os primeiros movimentos feministas exigindo direitos e igualdades. Foi nesse contexto que surgiu a escritora Mary Wollstonecraft, tida até hoje como referência para o movimento feminista, pois defendeu maiores oportunidades educacionais para as mulheres, isto porque o livro Reivindicação dos Direitos da Mulher (1792) foi um dos primeiros a falar sobre a desigualdade de gênero no

campo político, a discriminação de gênero na educação e a inferiorização das mulheres nas sociedades (ESTANISLAU, 2018)

Segundo Estanislau (2018): durante a Revolução Francesa, resultante da expansão do pensamento iluminista pela Europa, foram publicados manifestos machistas de Rousseau, onde dizia a mulher haveria sido destinada para o lar, para a maternidade, e para servir ao homem, e de Diderot, que fundou a tese de que a mulher deveria ser tratada de forma inferior devidos as suas naturalidades biológicas. Com isso, mesmo mediante ao iluminismo, que traz novos ideais e transformações, as mulheres continuavam sendo vistas com a predestinação de servir aos homens. Em contrarresposta, algumas mulheres, como como Olympe de Gouges (pseudônimo de Marie Gouze, escritora francesa que defendia a abolição dos escravos e os direitos das mulheres), formularam publicações para a reivindicação de seus direitos.

Jacqueline Pitanguy, socióloga e feminista, foi uma das responsáveis pelas conquistas na Constituição, onde, como presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulheres (CNDM), ela coordenou a campanha nacional Mulher e Constituinte, que tinha por objetivo reunir mulheres de diversos setores da sociedade para debater quais direitos deveria contemplar. Pitanguy, afirma que a Constituição de 1988 foi a primeira a estabelecer plena igualdade jurídica entre homens e mulheres no Brasil, representado de forma clara no artigo 5º da Constituição, onde prevê que homens e mulheres dispõem dos mesmos direitos e obrigações.

Para cada capítulo que era discutido, e que era de interesse das mulheres, apresentávamos nossas propostas. Se era um tema de direitos trabalhistas e benefícios sociais, por exemplo, íamos acompanhadas de empregadas domésticas, trabalhadoras e sindicalistas [...] é muito significativo que mulheres de vários partidos e ideologias tenham se unido e buscado, num ambiente tão masculino e machista como a Câmara, uma representação a partir da própria condição de ser mulher [...] (PITANGUY, 2018)

Observa-se que reconhecer as conquistas dos movimentos feministas diz muito sobre a mulher empreendedora. Pois, com seus direitos garantidos e obtendo o reconhecimento de seu lugar de direito em todos os âmbitos que

tangem a sociedade, a mulher passa a tomar atitudes empreendedoras e a conquistar cada vez mais seu lugar na economia.

De acordo com o estudo realizado em 54 países, 2019–2020, Global Entrepreneurship Monitor (GEM), as mulheres que estão começando um negócio acreditam terem maior probabilidade de fazer a diferença no mundo. Em mais de 30 economias pesquisadas, verificou-se que a maioria das entrevistadas do sexo feminino também eram mais propensas do que os homens a concordar que ganhar a vida com um empreendimento é importante porque os empregos são escassos e pela motivação. Isto é, o que leva ao empreendedorismo feminino, é a mente revolucionária da mulher, que esteve sempre historicamente lutando pelas suas causas. Mas também, a desigualdade no mercado de trabalho, onde apresenta poucas vagas para o sexo feminino e dificulta a ascensão por cargos. Sendo assim, a mulher busca a oportunidade de acender economicamente por meio de um negócio próprio.

## **2. Desafios enfrentados pelas mulheres para empreender**

É notório que a partir do século XX, a participação feminina ganhou espaço no mercado de trabalho, segundo afirma Leskien (2004) devido as guerras mundiais, quando os homens iam para as batalhas e as mulheres tiveram que assumir os negócios da família. Todavia, a pesquisa realizada pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM), em 2018, mostra que nos últimos anos as mulheres têm buscado por maiores capacitações para trilharem o caminho de sua própria carreira e negócios. Aos poucos as mulheres ingressaram nas universidades e começaram a atuar em profissões que antes eram de grande participação masculina, mostrando assim, sua capacidade de contribuir e de ser provocadora de mudanças na sociedade e na vida familiar, (BERTOLINI, 2002).

Conforme Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), o processo do empreendedorismo por si já é complexo e, ao se iniciar uma jornada, seja ela profissional ou pessoal, sempre haverá desafios encontrados durante a trajetória. Sendo assim, há uma infinidade de desafios – externos e internos –

nessa jornada que podem ser citados, já que é uma jornada irregular, mais do que qualquer outra.

Os desafios externos podem ser considerados aqueles que estão fora do controle do empreendedor e seu exemplo mais claro, no que se refere ao empreendedorismo feminino, são os sociais. Estes são carregados historicamente pela desigualdade na trajetória feminina de inserção no mercado de trabalho e sua múltipla jornada, fazendo com que a mulher "acabe tendo de ser como um polvo, com muitos braços para dar conta das demandas" como fala Renata Zamperlini, mato-grossense e empresária de *delivery*, em reportagem à Agência Brasil(2021).

A mulher quando empreende, conseqüentemente, tende a lidar com o desafio de diversos afazeres, dado que, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 2018, as mulheres gastaram quase que o dobro de tempo do que os homens nas mesmas tarefas caseiras: enquanto as mulheres dedicavam 21,3 horas semanais ao trabalho, os homens gastavam 10,9 horas. Os dados mostram que as mulheres, além de trabalharem ou chefiarem uma empresa, ainda precisam cuidar dos afazeres domésticos, muitas vezes, de seus filhos e estudar.

Nessa trajetória que exige trabalho dobrado, a falta de incentivo social, políticas públicas e o sexismo são obstáculos enfrentados pelas mulheres empreendedoras. Ana Fontes, no programa Repercutindo Histórias (programa da TV Globo, 2020), diz que no início de sua carreira, ao concorrer a uma vaga de emprego, ela escutou "seu currículo é ótimo, sua performance é ótima, pena que você é mulher", evidenciando a inferiorização que a mulher sofre devido ao sexismo enraizado na sociedade.

Outrossim, mediante Evelle (2019), existem ainda os desafios enfrentados por todo aquele que deseja empreender no Brasil, principalmente a escolha do que gerir e como gerir de forma assertiva para alavancar seu negócio. Por mais, tem-se a burocracia (jurídico e regulação), alta carga tributária, falta de estímulo de crédito, entre outros que implicam nessa trajetória empreendedora, como

afirma um levantamento internacional que coloca o Brasil em uma das piores posições no ranking mundial, com relação ao sistema tributário:

Gastam-se aproximadamente 2.600 horas para o cumprimento das obrigações fiscais - enquanto a média mundial é de apenas 24 horas.

(...) A carga tributária também é um fator que impacta diretamente a vida do empreendedor. De acordo com estudo feito em parceria pela OCDE, ONU e BID, em 2013 a carga tributária brasileira chegou a 35,7% do PIB. O custo incorrido pelas empresas para o pagamento de tributos também é alto: em seu último estudo feito em 2012 a FIESP constatou que para cada R\$ 100,00 de tributos pagos pela indústria de transformação gastam-se, em média, R\$ 6,49 a mais com a burocracia para pagar o tributo. (ENDEAVOR, 2018).

Já os desafios internos, segundo Evelle (2019), são aqueles que dependem da capacidade pessoal de realizar tal coisa, são as competências pessoais de cada empreendedor. Pode-se considerar tudo aquilo que pode ser aprimorado ou alterado, pois não depende de fatores externos. Conforme Dias (2019), citada por Evelle (2019), quem se propõe ao desafio de empreender precisa qualificar-se e trabalhar sem um chefe tendo que incentivar a todo instante; conhecer o mercado no qual está inserido; necessita ser inovador, disciplinado— o que exige do profissional grande resiliência durante o percurso.

Além dos desafios para uma boa gestão, o mercado de trabalho exige muito mais dos empreendedores: “Inovação”, é a palavra-chave. O que pode também ser um desafio, pois está fortemente ligada ao desenvolvimento pessoal e crescimento, na medida em que “novos negócios são criados a partir de novas ideias, pela geração de vantagem competitiva naquilo que uma empresa pode ofertar”, como pondera Bessant e Tidd (2019).

A inovação realmente faz uma grande diferença para empresas de todos os tipos e tamanhos. A explicação é bastante simples: se não mudarmos o que oferecemos ao mundo (bens e serviços) e como os criamos e ofertamos, corremos o risco de sermos separados por outros que o façam. Em última instância, é uma questão de sobrevivência, e a história é bastante clara a esse respeito; a sobrevivência não é compulsória! (BESSANT e TIDD, 2019)

### **3. Mulheres influenciadoras e suas atitudes empreendedoras**

#### **Adriana Barbosa – Empreendedora Social**

Adriana Barbosa é uma mulher negra de 41 anos, que desde muito nova presenciou o empreendedorismo. Relata ao programa Itaú Mulheres Empreendedoras, Youtube (2018), que presenciava sua avó fazendo coxinhas para “ganhar hoje e ter o que comer amanhã” e admirava muito a garra e inteligência de uma mulher de 81 anos que pensava em todas as estratégias possíveis para o sucesso de suas vendas e em como seu micro negócio chegaria nas pessoas, buscando a publicidade da venda em produção de panfletos, faixas simulando outdoors, entre outras estratégias. Fascinada e inspirada, Adriana

Barbosa é hoje a responsável pela maior Feira de Empreendedorismo Negro da América latina, chamada Feira Preta, CEO (Diretora executivo) da PretaHub, e na lista dos negros não africanos mais influentes do mundo, pelo Most Influential People of African Descent (MIPAD).

Sua trajetória empreendedora começou com sua amiga, Deise, que a acompanhara em baladas black na Vila Madalena, bairro de São Paulo. Após as duas serem surpreendentemente demitidas no mesmo período, elas buscaram se sustentar como podiam. “Íamos para as feiras de rua — a Deise vendia pastel, e eu com o brechó de troca, vendendo peças de roupa”, relata à Revista Glamour (2019).

Entretanto, essa forma de sustento não durou muito, depois de perder mercadorias em um arrastão, elas – a partir da dificuldade e necessidade de inovação – notaram que: “A gente percorria as feiras de rua e já enxergava o potencial criativo dos expositores e artistas negros”, revela Adriana, “mas não havia oportunidade. Nós queríamos colocar a nossa potencialidade na rua. Ficamos empolgadas com aquela ideia”, (REVISTA GLAMOUR, 2019).

Na época, a Unilever estava lançando o primeiro sabonete para pele negra do Brasil. Fomos bater na porta deles. Levamos o projeto escrito em Word e o mapa da feira com os quadradinhos das barracas desenhados no Paint. O PPT(Power Point) não tinha imagem nenhuma, só texto. Mas fechamos o patrocínio,

que foi de R\$ 3.500. Era pouco, mas a gente nem sabia, para a gente era o máximo. (REVISTA GLAMOUR, 2019).

O primeiro evento foi um sucesso, entretanto sua jornada enfrentou diversos conflitos até ser meramente reconhecida como é hoje.

“Estratégia de guerrilha é você lidar com a escassez e criatividade e ao mesmo tempo produzir” é como Adriana define o começo da sua história, desde ajudando a sua avó até sua trajetória árdua com a Feira Preta, para o programa Na Cara e na Coragem, do canal Meu Sucesso, Youtube (2021).

Destaca-se então, que, a definição da sua história retrata fielmente o que se conceitua como Empreendedorismo Social e o impacto que o mesmo causa.

Empreendedores sociais são pioneiros em abordagens mais sustentáveis e inclusivas para modelos de negócios. Essas pessoas têm provado como empregados, clientes, fornecedores, a comunidade e o meio ambiente podem ser beneficiados quando todas as partes interessadas estão envolvidas na criação de valores socioeconômicos. (SCHWAB, 2020).

Sendo assim, Adriana Barbosa se mostra como nome importante e que merece destaque. Como empreendedora social, ela já passou pelas principais Aceleradoras de Negócios Sociais no Brasil, tais como Artemisia, Quintessa e Nest e em 2016 ficou em segundo lugar da primeira edição do Inova Capital – Programa de Apoio a Empreendedores Afro-Brasileiros, uma iniciativa do Banco (BID), Anjos do Brasil e Endeavor.

### **Anna Luísa Beserra Santos – Empreendedora Ambiental**

Anna Luísa Beserra Santos, empreendedora ambiental brasileira, é fundadora da startup de impacto socioambiental, reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas), Safe Drinking Water for all (SDW - Água potável segura para todos), que desenvolve tecnologias para tratamento, gestão e monitoramento de recursos hídricos, e que já ganhou títulos como a mais jovem brasileira graduada em “Leadership for New Enterprises” (Liderança para novas empresas) pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), aos 18 anos.

Em entrevista dada ao Podcast PodVirtz da TV Record, Spotify (2021), Bezerra conta que, desde criança sonhava ser cientista. Aos 15 anos de idade, passou a questionar como que a falta de acesso à água potável, ainda era um problema na sociedade. Na mesma época, ela se deparou com um poster do Prêmio Jovem Cientista, em sua escola, que tinha como tema a água. Sendo assim, ela aproveitou para se aprofundar mais no assunto e tentar desenvolver uma solução, descobrindo com essa pesquisa, que a luz do sol seria uma boa ferramenta a ser usada no processo, passando a desenvolver essa nova tecnologia desde então.

Ela, ainda ao PodVirtz, Spotify (2021), relata que teve ajuda de seu pai no desenvolvimento do projeto, além do suporte de alguns de seus professores. Apesar disso, Bezerra não ganhou o Prêmio, pois estava muito raso e em processo de criação, mas isso não a desanimou.

Entrou na Universidade Federal Da Bahia, cursando Biotecnologia de março de 2015 a dezembro de 2018. A faculdade a ajudou a continuar o projeto, principalmente por ter maior estrutura e um laboratório no qual os testes poderiam ser feitos. Nesse período, de criação e produção, Anna Luísa descobriu o empreendedorismo e funda sua *startup* aos 17 anos, a Safe Drinking Water For All (SDW), da qual é fundadora e CEO (*Chief Executive Officer* – Diretora Executiva).

A inspiração para essa invenção, foi o SODIS (método de desinfecção solar da água através de garrafas pets). O modelo criado pela empreendedora, o Aqualuz, é o único no mundo capaz de tratar a água da chuva em cisternas usando a luz do sol, eliminando os microrganismos causadores de doenças e sem contaminação química. O propósito da criação desde sempre foi acabar com as limitações que o SODIS tinha e implantar o Aqualuz no Brasil.

O Aqualuz é o projeto principal da SDW. Anna Luísa Bezerra conta que até o final de 2020, alcançou seis estados: Alagoas, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão e sua maioria na Bahia. 500 famílias foram beneficiadas com o projeto, resultando em mais 2000 pessoas. (PODVIRTZ, 2021)

Aos 22 anos, ganhou o prêmio Jovens Campeões da Terra da ONU (2019), principal premiação para jovens, e é a única brasileira a ganhá-lo. Durante sua carreira, já acumulou mais de 20 prêmios.

A SDW já criou o Aqualuz e o Aqualuz App, o Aquasolina, o Monitorágua e o Ecofiltro. E o AIA, já criou o Biodigestor Aia, “o biodigestor para transformar resíduos alimentares em adubo e gás de cozinha em pequena escala em residências de centros urbanos. Desenvolvido no Edital Chamada Temática Cidade Sustentável da Prefeitura de Salvador, CIVIL e CIMATEC”, segundo o site Anna Luísa Bezerra.

A trajetória de Anna Luísa Bezerra mostra como é necessária a iniciativa e persistência dos empreendedores no campo ambiental. Leonard Schelesinger (2011), presidente da Faculdade de Empreendedorismo Babson College, diz que a maior questão, para que haja sucesso no meio empreendedor, é que os novos empreendedores tenham o ímpeto de investir tempo necessário para serem educados às chances que estão surgindo no mercado.

### **Luísa Mell – Empreendedora Socioambiental**

Luísa Mell, ativista, apresentadora e escritora, luta pelas causas de proteção aos animais desde 2002, mas somente em fevereiro de 2015 fundou o Instituto Luísa Mell. Ela diz ao canal Julia Faria, Youtube (2019), que após ter visto todas as portas fechadas, já que ela levou as mídias as suas lutas, ela começou a juntar um grupo e a resgatar cada vez mais animais, precisando assim fundar seu próprio instituto.

A ONG (Organização não Governamental) de sua criação tem por objetivo defender os animais, zelar pelo meio ambiente, acolher animais em situação de risco, conscientizar a população, fiscalizar órgãos públicos para o cumprimento das leis que tangem a causa e denunciar crimes de maus-tratos. Além disso, ela lançou produtos do próprio instituto para arrecadar verba para a ONG.

Luísa Mell relata a uma entrevista do UOL (2019), que mesmo depois de tanto crescimento na causa animal, ainda sofre muitas críticas, pois muitos

internautas desvalorizam a sua trajetória dizendo que ela sempre foi privilegiada, isto porque a ativista veio de uma família com boas condições financeiras. Mas ela diz: “não nasci e nem sou rica, batalhamos muitos. Hoje, não me preocupo com as contas de casa, mas com as do instituo, sim”. Tem-se nesse relato a evidência do menosprezo social criado em cima dos empreendedores socioambientais, sempre buscando justificar como esse sucesso foi alcançado, esquecendo-se da determinação e luta pela qual Luísa precisou passar.

A trajetória de Luísa Mell começou no ano de 2002, quando ela entrou em um Centro de Controle de Zoonose (CCZ), ainda como apresentadora do programa Late Show da Rede TV, viu uma fila de cachorros sadios esperando para serem sacrificados. Foi ali que ela relata ter feito sua primeira promessa, sem saber que seria uma grande ativista. “Prometi que iria acabar com aqueles assassinatos covardes”, diz Luísa ao UOL (2019). Em 2008, em sua presença e confluência, o governador João Serra, assinou a lei que proibia a eutanásia em cachorros sadios em todos os CCZ de São Paulo.

“Vida não tem preço, tem que ter valor. O meu trabalho faz com que eu confronte todas as indústrias”, diz Luísa ao UOL (2019).

As falas e trajetória de Luísa remetem o seu espírito de mulher empreendedora socioambiental, onde ela não aceita ver um mundo onde os animais e a natureza são tão desvalorizados, buscando assim conscientizar e inovar o meio na qual está inserida, através de seus projetos e movimentos de luta.

### **Zica Assis – Empreendedora Empresarial**

Heloísa Assis, conhecida como Zica, nome de destaque na área do empreendedorismo empresarial, é inventora e sócia-fundadora do Instituto Beleza Natural - uma rede especializada no tratamento dos cabelos crespos, cacheados e ondulados.

De origem humilde, Zica de Assis, filha de uma lavadeira e de um biscateiro, morava num barraco de chão batido e um telhado de zinco que,

quando não virava uma estufa no calor carioca, eram só goteiras nos dias de chuva. Era quando ela, os pais e os 12 irmãos dormiam ao relento. (REVISTA ÉPOCA, 2016)

Ainda para a Revista Época (2016), ela conta que começou a trabalhar em grandes mansões como babá aos 9 anos, depois foi faxineira e teve que renunciar ao cabelo black power que ostentava, a pedido das suas patroas. "Era exagerado, tinha quatro palmos para cima e para os lados."

Alega ainda que aos 21 anos, no intuito de que, conhecendo melhor seu próprio cabelo, poderia ganhar cachos bem definidos, maciez e beleza, buscou estudar para ser cabelereira. Na época, os estudos não eram voltados para cabelos crespos e cacheados, e quando citados, eram sempre relacionados ao alisamento dos cachos.

Em participação no programa Mulheres que mudam o Mundo, de Nathalia Arcuri, Youtube (2020), Assis conta que fora chamada de louca diversas vezes por querer usar o seu cabelo natural e foi a partir desse inconformismo que surgiu a vontade de inovar. Zica Assis decidiu ir à procura de um produto e técnicas que fossem voltadas para o cabelo crespo. "Querida achar um meio termo, então comecei a misturar fórmulas e produtos de relaxamento", (REVISTA ÉPOCA, 2016). Depois de 10 anos, chegou finalmente à fórmula ideal. Foi misturando produtos até chegar à famosa fórmula do Super-Relaxante, abrindo espaço para um nicho de mercado recém explorado no início da década de 90. Ela percebeu que poderia levar essa alternativa para várias pessoas de sua comunidade, nascendo ali o protótipo de seu salão, Beleza Natural.

Eu tinha um produto que tudo mundo queria, mas não sabia como fazê-lo. Então convenci meu marido a vender um táxi, um fusca ano 1974, nosso único bem naquela época, para investir no negócio. Meu irmão era gerente do Mc Donald's, também o convenci a me ajudar a gerenciar tudo...o investimento inicial foi de R\$ 4.200. (REVISTA ÉPOCA, 2016).

Em 1993, os sócios abriram o primeiro salão, no bairro da Muda (Grande Tijuca). Não demorou muito para as filas começarem a se formar e a equipe trabalhar até de madrugada para atender toda a demanda. A expansão foi inevitável e a experiência de Rogério Assis (irmão de Zica) na rede do Mc Donald

fez com que ele tivesse o *insight* de fazer o tratamento capilar como uma linha de produção, havendo profissionais especializados em suas funções específicas, o que facilitou ainda mais o processo de expansão do negócio.

Ainda no Mulheres Que Mudam o Mundo, Youtube (2020), do canal Me Poupe, hoje, o Beleza Natural está com mais de 40 lojas espalhadas pelo Brasil, média de 130 mil clientes por mês e faturamento de mais de R\$100 milhões por ano. Dos mais de mil de seus colaboradores, 90% são mulheres. O sucesso é indiscutível. Trata-se de um fenômeno tão impressionante que atraiu pesquisadores de universidades e centros de pesquisa renomados, como o Massachusetts Institute of Technology (MIT), cujos cientistas vêm ao Brasil passar meses acompanhando as atividades da Beleza Natural para compreender seu crescimento (JORNAL GAÚCHAZH, 2014).

[...] no âmago do conceito do empreendedorismo (empresarial), está a inovação, ou seja: a vontade de inovar, de criar modelos de negócios, novos produtos, processos e aproveitar novas oportunidades que surgem. O empreendedor vê oportunidades que a maioria das pessoas não nota. E, encontrando essas oportunidades, desenvolve um plano para viabilizar a inovação, transformando-a em um negócio atrativo economicamente. (SAID, 2014)

A fala de Said descreve com exatidão a trajetória empresarial de Zica Assis. Para empreender basta estar inconformado com a situação atual e ter vontade de mudança, transformando não só o próprio estado, como também a vida de outras pessoas. (ARCURI, 2020)

#### **4. Projetos que influenciam atitudes empreendedoras**

##### **Instituto Feira Preta**

O Instituto Feira Preta é um evento que teve início em 2002 como uma feira de incentivo a empreendedores negros na Zona Oeste de São Paulo. Hoje, segundo PretaHub, a Feira Preta caracteriza-se como um festival que apresenta conteúdo diversos, do empreendedorismo à tecnologia e reflexões para incentivar toda a comunidade negra da América Latina, contando com mais de

120 mil participantes, dentre eles 600 artistas – nacionais e internacionais – e mais de 4 milhões de reais em circulação.

A história da origem desse evento, hoje internacional, está intrinsecamente ligada à trajetória de Adriana Barbosa e de uma amiga que com ela abraçou a vontade de se reinventar a partir da escassez.

Em 2002, eu estava fora do mercado de trabalho formal. Eu e uma amiga na mesma situação resolvemos empreender para sobreviver. Formamos uma dupla do que chamamos de “sevirologia”, que é a arte de “se virar”. - É o que Adriana Barbosa relata para o artigo do SEBRAE – SP (2020).

A indignação de Barbosa ao perceber que a maioria da cultura negra que se passava no bairro estava nas mãos de homens brancos, foi o que impulsionou a ideia do projeto: fazer um mapeamento do afro empreendedorismo. Sua vontade, desde sempre, foi buscar espaço a comunidade negra e suas expressões culturais, contando de forma protagonizada suas trajetórias e conhecimentos.

Temos mais de 400 anos de período escravocrata no Brasil e esse ano completamos 132 anos da abolição. Esse ponto de partida da população negra define o que temos hoje. Se tem algo que fez com que a população negra sobrevivesse ao colonialismo e ao racismo estruturado e muitas vezes institucionalizado foi o ato de empreender. Em função desse processo histórico, a população negra teve menos acesso à educação e renda, ocasionando muita ocupação em subemprego e de desemprego, fazendo com que essas pessoas empreendam por necessidade. (BARBOSA citada por SEBRAE – SP, 2020).

Ela conta à Endeavor (2017) e para o SEBRAE (2020) que abraçou a oportunidade de patrocínio da Unilever - marca que estava se engajando nos produtos para o público-alvo negro - e da prefeitura fazendo com que o evento acontecesse pela primeira vez na praça Benedito Calixto em 2002. “No primeiro ano, atraímos 5 mil pessoas.”

Em Preta Potência (2021), livro de autoria própria, Barbosa conta todos os percalços da trajetória do Instituto, desse questões financeiras – que não foram poucas – até questões pessoais, familiares e raciais. Além disso, o livro

retrata informações sobre negócios e empreendedorismo, como também desafios da comunidade negra ao empreender.

## **Maternativa**

“As mães movem o mundo e nós acreditamos nessa força.” É o slogan da primeira startup brasileira de impacto social, idealizada e cofundada pela pedagoga e mãe do José, Ana Laura Castro, que tem como objetivo principal discutir e transformar a relação entre mães e trabalho. Segundo Maternativa (2019), desde a fundação, a startup já alcançou diretamente mais de 27 mil mulheres pelo país em mais de 50 encontros presenciais, e mais de 8 mil mães foram impactadas indiretamente.

Em entrevista dada ao Todas, Youtube (2017), Castro juntamente com Camila Conti, cofundadora da Maternativa, conta como surgiu a startup. As duas eram conhecidas e durante um evento, Conti contou sobre sua gravidez e 15 dias depois Ana Laura descobriu que também estava grávida, gerando uma amizade. Infelizmente, ao contatarem a suas empresas sobre a gravidez, ambas foram demitidas, o que fez com que elas se questionassem sobre tal acontecimento.

Diante disso, Ana Laura Castro e Camila Conti resolveram levantar uma pesquisa entre as mulheres que já conheciam e descobriram que todas, se não tinham passado pela mesma situação, tinham passado por algo parecido. Foi assim que nasceu a Maternativa em busca de sanar essa problemática na relação entre recém maternidade e trabalho.

Foi criado então um grupo no Facebook que alcançou diversas mulheres com o intuito de discutir sobre como era o encaixe das mães no mercado de trabalho e todos os impasses gerados. A Maternativa, diante disso, foi convidada para o Facebook Community Leadership Program, sendo considerada uma das comunidades de maior impacto social no mundo, em 2019.

“Compre das Mães”, foi uma hashtag criada pela rede com o intuito de dar mais visibilidade para as mães empreendedoras nas redes sociais, além de ser

o meio mais prático de contatá-las. Só no Instagram, a hashtag já conta com mais de 126 mil menções.

A rede também desenvolveu três cursos: o “Cafeínas”, um curso em que é discutido o mercado de trabalho; O “MTT – Maternidade-Tempo-Trabalho”, curso que gera um diálogo sobre o afastamento do mercado de trabalho no período de gestação e como é voltar para ele; e o “Como Lacrar nos Negócios”, juntamente com a Curadoria de Conhecimento que passa conhecimentos de como administrar os seus negócios e se destacar no mercado.

“A Maternativa se dedica intensamente a transformar a relação entre mães e trabalho, independente do caminho que cada mulher encontrar para sua realização.” (MATERNATIVA, 2019)

## **Me Poupe!**

A Me Poupe!, segundo seu site oficial, é considerada maior plataforma de entretenimento financeiro do mundo, idealizada e fundada por Nathalia Arcuri, especialista em finanças e em planejamento financeiro pelo INSPER.

Em entrevista à Você S/A (2021), Arcuri conta o início da sua jornada com o mundo de finanças, diz que era uma ansiedade constante contar apenas com o salário de seu pai e ao passar por diversas situações nas quais seu pai não poderia suprir ela começara a desenvolver seus instintos econômicos e passou a guardar toda a quantia que podia para que um dia ela alcançasse sua meta, e com isso, sua tão sonhada liberdade.

Houve um momento da vida de Nathalia Arcuri que foi o evento chave, ou “momento clique” (como ela descreve em “Me Poupe! 10 passos para nunca mais faltar dinheiro no seu bolso”) para que ela decidisse largar sua carreira estável e apostar na sua missão: ajudar a vida financeira de pelo menos uma pessoa no Brasil.

E ali, enquanto assinava os papéis, jurei para mim mesma que todos os dias dali em diante seriam dedicados a proporcionar

essa mesma sensação ao maior número possível de pessoas. Comprei a parte dele e, de brinde, ganhei um propósito de vida. Foi naquele momento que começou a nascer o Me Poupe! primeiro como blog, mais tarde como canal no Youtube. Decidi que minha missão seria ensinar as pessoas a cuidarem melhor de seu dinheiro, para que todas pudessem sentir o que eu estava sentindo: a certeza de que quem dita os rumos da minha vida sou eu. (ARCURI, 2018).

Atualmente, a Me Poupe! conta com mais de 50 funcionários e, em 2020, foi uma das 50 marcas mais lembradas durante a crise. Todos os meses, a Me Poupe! impacta 20 milhões de pessoas por meio do canal no Youtube, blog, redes sociais, Poupecast e com o programa na rádio 89 FM. Em 2020, o canal do YouTube tem quase seis milhões de inscritos, e é o maior canal de finanças do mundo.

Além disso, a empresa tem cursos de finanças pessoais, planejamento financeiro e investimentos em renda variável. Por mais, foram estreados, em 2019, o programa "Me Poupe: Dívidas Nunca Mais", que foi criado para ajudar a parcela da população brasileira que está endividada ou passa por dificuldades para se organizar financeiramente.

A ideia do Me Poupe não é ser um reality assistencialista, o nosso propósito é reorganizar a vida financeira dos participantes, dando mais esperança para que eles possam realizar um sonho, comprar uma casa ou carro, viajar ou investir esse dinheiro em um bem maior. (ARCURI, 2019).

Portanto, tem-se uma mulher empreendedora que pode vir a ajudar outras mulheres a chefiarem seus negócios com segurança financeira.

## **Rede Mulher Empreendedora**

A Rede Mulher Empreendedora surgiu em 2010, com Ana Fontes, durante o Programa 10 Mil Mulheres Da FGV (Fundação Getúlio Vargas) quando percebeu que era uma das 35 selecionadas entre 1.000 inscritas, sentiu que era injusto e que necessitava compartilhar o conhecimento do curso com outras mulheres. Inicialmente, tratava-se de um blog, onde Ana compartilhava receitas e dificuldades enfrentados no meio empreendedor com o protagonismo feminino.

Segundo Rede Mulher Empreendedora (2021), o programa já impactou mais de 750 mil mulheres.

O objetivo principal do programa está em proporcionar os meios para o desenvolvimento do protagonismo feminino do mercado econômico, por meio de programas, entrevistas com outras mulheres já em destaque, cursos e parcerias com empresas. “Olhando para trás, me sinto muito feliz com o que eu consegui conquistar com a Rede. Não gosto de romantizar histórias tristes, mas fico feliz de estar trabalhando para construir uma sociedade mais justa”, diz a empreendedora Ana Fontes à Revista Exame (2020).

Em 2017, Ana Fontes decidiu ampliar o projeto, fundando o Instituto Rede Mulher Empreendedora, organização sem fins lucrativos com foco em causas sociais, políticas públicas e mulheres em situação de vulnerabilidade social. A instituição tem o propósito de incentivar e respaldar empreendedoras, a partir de iniciativas que sejam capazes de fomentar perfis empoderados e capacitados, buscando assim a independência financeira e de decisão pessoal.

Acreditamos que quando uma mulher é empoderada financeiramente, ela não muda só a realidade de sua família, mas também a da sociedade, pois quando elas têm negócios que dão certo, investem em suas comunidades, especialmente, para que haja um contínuo desenvolvimento, e tratam seus públicos de interesse como uma família estendida, pois acreditam no poder colaborativo para melhorar o mundo. (INSTITUTO REDE MULHER EMPREENDEDORA, 2021)

## **Considerações Finais**

O artigo científico teve como objetivo geral demonstrar a importância do empreendedorismo feminino através do protagonismo empresarial e seus impactos socioambientais no Brasil. No decorrer do trabalho, foram abordados nomes protagonistas do empreendedorismo feminino em suas áreas diversas que, com seus projetos e suas trajetórias, mostram a importância de mulheres na linha de frente de seus próprios negócios como forma de (mostrar a relevância da liderança feminina como diferencial no mercado e no meio social), em geral, serem vistas como mulheres que farão a diferença, independente do contexto em que estão inseridas.

Com a nossa pesquisa, constatamos que a relevância do empreendedorismo feminino, através da liderança de mulheres brasileiras e seu protagonismo nas ações socioambientais, se mostra desde o seu surgimento, com o marco da Revolução Francesa, que propôs com as correntes iluministas, uma reformulação da sociedade, indagando, portanto, participação feminina no trabalho e disseminando a luta das mulheres pelo seu lugar social, influenciando umas às outras, nos movimentos feministas da época. Ademais, o protagonismo feminino nas ações socioambientais e empresariais, por meio de suas lideranças, destaca-se nos projetos supracitados no decorrer do presente Trabalho de Conclusão de Curso, evidenciando a influência e relevância das atitudes empreendedoras.

Considerando o problema da pesquisa sobre empreendedorismo feminino e seu impacto social e olhando para a hipótese de pesquisa - na qual afirma que o empreendedorismo feminino ganha maior proporção na sociedade, através de mulheres empreendedoras como agentes socioeconômicas em busca pela autonomia - obteve-se durante o percurso que: o empreendedorismo, uma vez que busca promover a qualidade de vida dos envolvidos, permitiu que mulheres criassem suas próprias trajetórias profissionais, superando o atraso social, garantindo seu lugar na economia e lutando pelas causas socioambientais que compactuam.

Andreia Borges, líder do Projeto social Útero; Keity Dias, fundadora do Hospital dos Cachos, e todas as outras mulheres abordadas no Corpo de Texto, declararam em entrevista, no Apêndice, ao presente trabalho que, empreender foi um ato de força e inquietação com a normalidade, pois era necessário mais: inovar no ambiente em que estavam inseridas e conseqüentemente trazer voz e incentivo para outras mulheres.

Diante disso, constatou-se que o empreendedorismo feminino e seu impacto social está diretamente relacionado ao reconhecimento de mulheres que, através do empreendedorismo, buscam por autonomia e relevância, encorajando umas as outras. Confirmando, portanto, a hipótese do presente artigo.

Camila Oliveira Lima: ter feito parte deste projeto foi uma jornada enriquecedora que me inspirou muito. A parte que mais me moveu foi ter a honra de conhecer histórias de mulheres tão fortes, batalhadoras e empreendedoras, cada uma com suas particularidades em suas histórias, mas com um impacto similar. Ver todo o esforço e, que apesar de todas as dificuldades, elas conseguiram alcançar seus objetivos, traz para nós muitos sentimentos bons de esperança, de que tudo é possível. É admirável ver tantas mulheres ocupando espaços e realmente inspirador. Sinto que agora nenhum sonho é ousado demais, e que se fizermos acontecer, podemos conquistar o mundo.

Julia Silva Borges: A experiência que tive ao percorrer os caminhos de pesquisa foi muito desafiadora, tive que me adaptar e desenvolver habilidades que, antes de começar o Trabalho de Conclusão de Curso, eu não imaginei que tinha, mas tirando a parte técnica (e nesta eu agradeço meramente nossa Orientadora Tânia Regina Cirillo por toda a sua disponibilidade durante o percurso) foi incrível ter a oportunidade de conhecer novas mulheres e grandes histórias, já que desde meu lar aprendi a acompanhar e admirar histórias como as abordadas ao longo do Trabalho.

Karen Cristina Firmo dos Santos Lima: Minha experiência ao longo desse trabalho foi um tanto desafiadora e ao mesmo tempo conciliadora do reconhecimento da minha capacidade pessoal. Nela, obtive, além do

conhecimento empírico sobre a relevância do empreendedorismo feminino, superações pessoais. Além disso, consegui ver a importância da junção de ideias e opiniões, o quanto isso é importante na formulação de uma ideia.

Thaissa Silva Carvalho: A experiência de desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso do zero, visto que nunca tivemos contato com algo do gênero antes, foi complexa e desafiadora no início do processo, mas, ao desenvolver, vi que tive uma imensa oportunidade de conhecer histórias novas, que incentivam milhares de mulheres como nós e isso foi o que de fato me impactou. Conhecer os motivos pelos quais as mulheres não tiveram igualdade historicamente falando, e ver na minha geração um número gigantesco de mulheres impactando umas às outras fez com que cada parte desse Trabalho fosse de certa forma, motivador. Ademais eu agradeço nossa Orientadora Tânia Regina Cirillo por toda sua flexibilidade, paciência e doçura conosco. Sem ela não teríamos chegado aonde chegamos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Maira. Empresarial, corporativo, público e social: os quatro contextos do empreendedorismo. *Jornal O Globo*, São Paulo, v. 23, n. 04, 2014.

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/emprego/empreendedorismo/empresarial-corporativo-publico-social-os-quatro-contextos-do-empreendedorismo-12271182>. Acesso em: 10 out. 2021.

ARCURI, Nathalia. *Me Poupe! 10 passos para nunca mais faltar dinheiro no seu bolso*, 2018.

ASTUTO, Bruno. Conheça a empresária de origem humildade que fez fortuna com método de relaxamento capilar. *Revista época*, São Paulo, v. 25, n. 01, 2016. Disponível em:

<https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/01/conheca-empresaria-de-origem-humilde-que-fez-fortuna-com-metodo-de-relaxamento-capilar.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

AURÉLIO, Túlio. *Embalagem plástica biodegradável*. v. 28, n. 02, 2021.

Disponível em:

<https://desmetropolizacao.com.br/anna-luisa-beserra-santos-brasileira-que-ganhou-premio-da-onu-por-criar-um-filtro-que-purifica-a-agua-com-luz-solar/%20acesso%20em%20>. Acesso em: 08 out. 2021.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. *Empreendedorismo: Conceitos e Definições*. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, v. 1, n. 1, 2014.

BARRETOO, L. P. (1998). *Educação para o empreendedorismo*. *Educação Brasileira*, 20(41), pp. 189-197.

BESSANT e TIDD, J.: *Inovação e Empreendedorismo*, 2019. 3° Edição.

BEZERRA, Ana Luísa. *Currículo Ana Luísa Bezerra*. Disponível em:

<https://www.annaluisabeserra.com>. Acesso em: 07 out. 2021.

CARVALHO, Diana. Luisa Mell: Muito além do resgate de cães e gatos. UOL notícias, São Paulo, v. 30, n. 11, 2019. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/luisa-mell/>. Acesso em: 06 out. 2021.

CHIAVENATO, Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2004.

CHUDZINSKI, Ana Chudzinski; RÊ, Eduardo; CONTRERAS, Mariana; DUTRA, Marina. As mulheres e o mercado de trabalho brasileiro. Equidade/Direito das mulheres, v. 11 n. 05, 2021. Disponível em:

As mulheres e o mercado de trabalho brasileiro | Politize! Acesso em 28 ago. 2021.

DIAS, Alexandre. Nathalia Arcuri estreia reality show 'Me Poupe, Dívidas Nunca Mais' na Band. Metroworldnews, v. 30, n. 09, 2019. Disponível em: <https://www.metroworldnews.com.br/entretenimento/2019/09/30/nathalia-arcuri-estreia-reality-show-poupe-dividas-nunca-mais-band.html>. Acesso em: 13 out. 2021.

DOLABELA, F. (2010). A corda e o sonho. Revista HSM Management, 80, pp. 128.

DONNA REDAÇÃO. O talento extraordinário de Zica Assis, a ex-empregada doméstica que perseguiu seus sonhos e ergueu um império. Jornal Gaúchazh, São Paulo, v. 05, n.05, 2014. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/beleza/noticia/2014/05/o-talento-extraordinario-de-zica-assis-a-ex-empregada-domestica-que-perseguiu-seus-sonhos-e-ergueu-um-imperio-cjplaf40000i6b9cngq75yq25.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

ENDEAVOUR. Burocracia nos Negócios: os desafios de um empreendedor no Brasil. Disponível em:

<https://rdstationstatic.s3.amazonaws.com/cms%2Ffiles%2F6588%2F14468989>

16Ambiente+Regulatório\_02\_af\_online+%281%29.pdf . Acesso em: 13 set. 2021.

ENDEAVOUR. Os 5 maiores desafios dos empreendedores, v. 06 n. 07, 2016.

Disponível em:

<https://endeavor.org.br/ambiente/5-desafios-empreendedores-pesquisa/>.

Acesso em: 15 set. 2021

ESTANISLAU, Priscila. A Luta das Mulheres por Direitos na Revolução

Francesa. Artigos, 2018. Disponível em:

<https://admpriscilars.jusbrasil.com.br/artigos/640623268/a-luta-das-mulheres-por-direitos-na-revolucao-francesa>. Acesso em: 23 ago.2021.

EVELLE, Monique. Empreendedorismo Feminino: Olhar estratégico sem romantismo, 2019.

FROZZA, Fernanda. Criadora da Feira Preta, Adriana Barbosa está entre os 51 negros mais influentes do mundo. Revista Glamour, São Paulo, v. 27, n. 02, 2019. Disponível em:

<https://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2019/02/criadora-da-feira-preta-adriana-barbosa-esta-entre-os-51-negros-mais-influentes-do-mundo.html>.

Acesso em: 07 out. 2021.

HOBBSAWM, E. J. Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

INSTITUTO MULHER EMPREENDEDORA. Quem somos, 2021. Disponível em:

<https://institutorme.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 12 out. 2021.

INGIZZA, Carolina. Conheça a trajetória de Ana Fontes, fundadora da Rede Mulher Empreendedora. Revista Exame, v. 05, n. 10, 2020. Disponível em:

<https://exame.com/pme/conheca-a-trajetoria-de-ana-fontes-fundadora-da-rede-mulher-empreendedora/>. Acesso em: 13 out. 2021.

LIMA, Monique. A jornada da poupadora: conheça os caminhos de Nathalia Arcuri. Você S/A, v. 08, n. 02, 2021. Disponível em:

<https://vocesa.abril.com.br/financas-pessoais/a-jornada-da-investidora-conheca-os-caminhos-de-nathalia-arcuri/>. Acesso em: 13 out. 2021.

PODVIRTZ. [Locução de]: Camila Busnello. RecordTv, v. 25, n.01, 2021.

Podcast. Disponível em:

[https://open.spotify.com/episode/34f1k01q7JphsXTDC6tlum?si=Oou4pgbnSk2dxGM7FR3KEg&dl\\_branch=&nd=1](https://open.spotify.com/episode/34f1k01q7JphsXTDC6tlum?si=Oou4pgbnSk2dxGM7FR3KEg&dl_branch=&nd=1). Acesso em: 08 out. 2021.

PRETAHUB. Pretas potências em movimento. Disponível em:

<https://pretahub.com/festival-feira-preta/>. Acesso em: 13 out. 2021.

REDE MULHER EMPREENDEDORA. 2021. Disponível em:

<https://rme.net.br/redemulherempreendedora/>. Acesso em: 13 out. 2021.

SCHELESINGER, Leonard. A geração dos empreendedores sustentáveis.

Revista Ideia Sustentável, São Paulo, v. 11, n. 03, 2011. Disponível em:

<https://ideiasustentavel.com.br/a-geracao-dos-empreendedores-sustentaveis/#:~:text=Leonard%20Schelesinger%20-%20A%20maior%20quest%C3%A3o%20%C3%A9%20fazer,dinheiro%20sendo%20aplicado%20em%20%C3%A1reas%20relacionadas%20%C3%A0%20sustentabilidade>. Acesso em: 07 out. 2021.

Acesso em: 07 out. 2021.

SEBRAE, Empreendedorismo Feminino: desafios e oportunidades.

EMPREENDEDOR, Negócios & Gestão: Os desafios da mulher que

empreende no Brasil, v. 19 n. 09, 2020. Disponível em:

<https://sebraemg.com.br/blog/empreendedorismo-feminino-desafios-e-oportunidades/>. Acesso em: 12 set. 2021.

SEBRAE-SP. Conheça a história da Feira Preta e da plataforma PretaHub.

Sebrae seu negócio, v. 29, n.02, 2020. Disponível em:

<https://sebraeseunegocio.com.br/artigo/conheca-a-historia-da-feira-preta-e-da-plataforma-pretahub/>. Acesso em: 13 out. 2021.

SCHUMPETER, J. A. (1988). A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo, Nova Cultura.

VIVELA, Rafael. Sebrae: pandemia reduz participação de mulheres nos negócios. Agência Brasil, v. 08, n. 03, 2021. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/sebrae-pandemia-reduz-participacao-de-mulheres-nos-negocios>

WOLLSTONECRAFT, Mary. Reinvidicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista. Tradução de Andréia Reis do Carmo. São Paulo: Edipro, 2015.

YOUTUBE. Café Itaú Mulher Empreendedora. Adriana Barbosa (Instituto Feira Preta). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cq4U11RV5YU&t=824s>. Acesso em: 09 out. 2021.

YOUTUBE. Endeavor Brasil. Adriana Barbosa: na escassez, se reinventar. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Zr5E36mcyCU>. Acesso em: 16 out. 2021.

YOUTUBE. Julia Faria. Como Luisa Mell se tornou uma das maiores ativistas do Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cLqnnlDj2z0>. Acesso em: 08 out. 2021.

YOUTUBE. MeuSucesso.com. Conheça a trajetória de Adriana Barbosa.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZokBgQRc0mA>. Acesso em: 08 out. 2021.

YOUTUBE. Me Poupe. Mulheres Que Mudam o Mundo: Zica Assis. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cH8XZ6jz550>. Acesso em: 08 out. 2021.

YOUTUBE. Todas Juntas. Maternidade & Trabalho | Camila Conti e Ana Laura Castro. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mU9jRaD0lql>. Acesso em: 13 out. 2021.

## **APÊNDICE A**

### **ROTEIRO DE PERGUNTAS**

As entrevistas foram realizadas pelas autoras deste Trabalho de Conclusão de Curso, em novembro/2021; com Andréia Borges (líder do projeto social Útero) e com a Keity Dias (fundadora do Hospital dos Cachos), tiveram como objetivo coletar dados sobre a trajetória de empreendedoras locais, entender as razões que levam mulheres a empreender e como as ações de outras mulheres influenciam umas as outras.

1. No que você empreende e o que te levou a empreender?
2. Quais foram os desafios enfrentados na sua trajetória como mulher empreendedora?
3. As suas ações empreendedoras foram influenciadas por outras mulheres? Conte-nos sobre.
4. Você gostaria de acrescentar algo mais a esta entrevista?

## APÊNDICE B

### TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Andreia Borges

- 1. A partir do edital da Lei Aldir Blanc onde pudemos ser contempladas com o projeto Útero, formamos um coletivo de 6 mulheres onde tentamos com a ajuda de outras mulheres realizar ações como refeições para moradores de rua, amenizar a falta de produtos de higiene pessoal para mulheres vítimas de vários tipos de violência, temos uma página no Instagram onde realizamos lives e tentamos conscientizar as mulheres do nosso verdadeiro papel na sociedade.*
- 2. Quando formamos um grupo somente com mulheres sempre haverá a questão do feminismo inserido no olhar masculino, nosso maior desafio é trazer para perto de nós pessoas de todos os gêneros que tragam consigo a verdade de uma sociedade onde a igualdade prevaleça!  
Desde o começo essa é nossa maior preocupação, sermos vistas como mulheres que farão a diferença! E não como mulheres que queiram ser mais do que os homens.*
- 3. Qualquer mulher que foi criada por mulheres fortes, trabalhadoras com certeza terão dentro de sua casa sua própria inspiração, fica até difícil citar quem vem depois pela quantidade absurda de mulheres que com dor e garra traçaram novas rotas: Elza Soares, Lady Gaga, Clarice Lispector, Frida Kahlo, Fernanda Young, entre tantas outras...*
- 4. Vivemos um momento único, onde o grito continua sendo necessário mas está sendo ouvido! Procuramos ser igualmente reconhecidas,*

*plantamos uma ideia da igualdade de gêneros, nossa crença, raça, sexo não determina o que vai em nosso coração ou em nosso caráter!*

Keity Dias

- 1. Na área da saúde capilar, autoestima, resgate de identidade de mulheres crespas, cacheadas, onduladas e ou que decidiram deixar de usar química (transição capilar)*

*O que me levou a empreender inicialmente foi ter mais flexibilidade de horários e assim ter mais tempo de qualidade com meu filho, visto que ficava seis horas do meu dia no trajeto no serviço.*
- 2. Muitos desafios, mas posso citar alguns como empreender em uma área totalmente nova onde eu não tinha experiência e expertise; falta de apoio do marido (não compreendia eu deixar minha profissão de onze anos na área contábil, o tempo e o dinheiro que investi na faculdade; dificuldade financeira, e não ter com quem contar, precisei pedir dinheiro emprestado para minha tia para realizar um curso que era muito importante na área que eu estava empreendendo; medo e insegurança do novo.*
- 3. Inicialmente não, mas após começar a empreender fui buscar mulheres empreendedoras para aprender com elas, queria entender como elas conseguiram 'chegar lá'. Frequentei muitos encontros de mulheres empreendedoras no Sebrae Itaquera e fui conhecendo outras redes de mulheres empreendedoras como Rede Mulheres que Decidem e Mulheres Brilhantes, Google Woman participei de células, reuniões, fiz pitch e muito networking que foram importantíssimos para minha vida empreendedora!*
- 4. Sim, empreender não é fácil, e desafiador, ainda mais em uma sociedade onde somos cobradas o tempo todo. "Tudo bem, você empreender, desde que lhe traga resultados.", "Tudo bem, você empreender desde que cuide bem dos filhos, cuide bem da casa, não*

*deixe nada a desejar!”, “Tudo bem, você dar conta de tudo, você é a supermulher.”.*

*Mas quero acrescentar que não são flores, não temos superpoder, não damos conta de tudo, tem dias bons e dias que você vai se arrepender de tudo e querer jogar tudo para o alto. Mas vale a pena seguir em frente e lutar pelo seu projeto e encontrar o seu propósito através do seu negócio, isso não tem preço e o reconhecimento vem, os resultados chegam, junto com o apoio daqueles que duvidaram e te colocaram dúvidas!*

*Busque referências, inspirações e mentores, fortaleça o seu mindset (forma de pensar) e se possível busque parceiras e sócios que acreditem no seu projeto tanto quanto você, a jornada fica mais leve quando tem alguém para dividir.*